



# Estudo de caso

João Paulo Resende de Lima

O estudo de caso é um método de pesquisa que visa analisar em profundidade um fenômeno social. A origem do método não é consenso entre os estudiosos. Segundo Martins,<sup>1</sup> o estudo de caso surgiu quando o grego Hipócrates, cerca de 460 a.C., reuniu 14 casos clínicos e, posteriormente, o método foi sendo aplicado a outras áreas, como as Ciências Sociais Aplicadas (Administração, Economia e Contabilidade). Para Ventura, há evidências de que o método foi originado na escola de Chicago a partir dos estudos antropológicos.<sup>2</sup>

Assim como sua origem, o método de estudo de caso apresenta diferentes abordagens e definições que variam de acordo com o autor escolhido como base para a pesquisa, sendo os dois principais autores Robert K. Yin<sup>3</sup> e Robert E. Stake.<sup>4</sup> No decorrer do capítulo serão apresentadas as duas abordagens, discutindo-se suas principais semelhanças e diferenças. Entretanto, o capítulo não visa esgotar a discussão sobre as diferenças e, apesar de apresentar as duas abordagens, aprofundará mais a linha seguida por Yin.

A decisão de “por quê” e “quando” fazer um estudo de caso está intimamente ligada à questão de pesquisa, assim como a decisão de utilizar outros métodos de pesquisa. De maneira geral, as questões de pesquisa que mais utilizam o estudo de caso são as pesquisas que visam responder “como?” e “por quê?”. O estudo de caso é comumente usado em situações nas quais o pesquisador está examinando um fenômeno complexo com diversas dimensões ou quando analisa práticas reais de maneira detalhada e, também, em situações em que o contexto é de extrema importância para a compreensão do fenômeno.

<sup>1</sup> MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. *Revista de Contabilidade e Organizações*, v. 2, n. 2, p. 9-18, 2008.

<sup>2</sup> VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SoCERJ*, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

<sup>3</sup> YIN, R. K. *Case study research: design and methods*. 5. ed. Los Angeles: Sage, 2014. A primeira edição do livro de Yin foi publicada em 1984.

<sup>4</sup> STAKE, R. E. *The art of case study research*. Los Angeles: Sage, 1995. A primeira edição do livro de Stake foi publicada em 1995.

Para Yin, o estudo de caso “é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.<sup>5</sup> Dessa forma, Yin defende o uso do estudo de caso quando o pesquisador deseja entender um fenômeno em profundidade considerando a influência do contexto nesse fenômeno, podendo ser estudo de caso único (quando o pesquisador se atém a uma única unidade) ou múltiplo (quando o pesquisador analisa múltiplas unidades).

As diferenças entre o estudo de caso único e o estudo de casos múltiplos vai além do número de unidades analisadas. Segundo Yin, há cinco fundamentos que justificam o uso de um estudo de caso único:<sup>6</sup>

1. o caso escolhido é um caso crítico;
2. o caso representa uma situação extrema ou peculiar;
3. o caso é representativo;
4. o caso é revelador;
5. o caso é longitudinal – realizado em dois ou mais pontos de tempo.

Já o estudo de casos múltiplos tem sua justificativa ligada diretamente à lógica da replicação, ou seja, os casos devem ser selecionados de modo que o pesquisador possa prever resultados similares (replicação literal) ou que os casos gerem resultados contrastantes já esperados pela teoria (replicação teórica).

Yin afirma, ainda, que existem três modalidades de estudo de caso:<sup>7</sup>

1. estudos de caso explanatórios (ou causais);
2. estudos de caso descritivos;
3. estudos de caso exploratórios.

As definições dessas modalidades de estudo de caso são apresentadas no Quadro 6.1.

<sup>5</sup> YIN, 2014.

<sup>6</sup> YIN, 2014.

<sup>7</sup> YIN, 2014.

**QUADRO 6.1** Tipos de estudo de caso segundo Yin

Tipo de caso	Definição
Explanatório ou causal	Esse estudo de caso visa não só descrever ou explorar determinado assunto, mas explicá-lo. Sua finalidade é encontrar resultados generalizáveis a outras realidades.
Descritivo e exploratório	Essas modalidades do estudo de caso visam descrever, de maneira detalhada, determinado fenômeno. A principal diferença entre as modalidades consiste no quanto já se sabe sobre aquele fenômeno na literatura existente.

Fonte: adaptado de YIN, 2014.

Stake afirma que um estudo de caso visa capturar toda a complexidade de um único caso.<sup>8</sup> Dessa forma, o estudo de caso como método de pesquisa é a análise das particularidades e complexidades de um caso. Para Stake,<sup>9</sup> existem três tipos de estudos de caso:

1. estudo de caso intrínseco;
2. estudo de caso instrumental;
3. estudo de caso coletivo.

Vamos detalhar cada um deles.

O **estudo de caso intrínseco** é a situação em que precisamos aprender algo sobre um determinado caso para solucionar um problema. Portanto, não temos uma pergunta de pesquisa específica, mas sim uma situação. Por exemplo, uma professora tem um estudante com muita dificuldade de aprendizagem e busca entender e solucionar essa dificuldade.

Já o **estudo de caso instrumental** parte de uma questão de pesquisa e da necessidade de um entendimento mais generalizado que pode ser gerado a partir de um *insight* de um único caso.

Por fim, Stake<sup>10</sup> afirma que, em alguns casos, **são necessários diferentes estudos de casos instrumentais que abordem a mesma questão em** diversas unidades de análise ou estudos de casos complementares e que, juntos, formem um **estudo de**

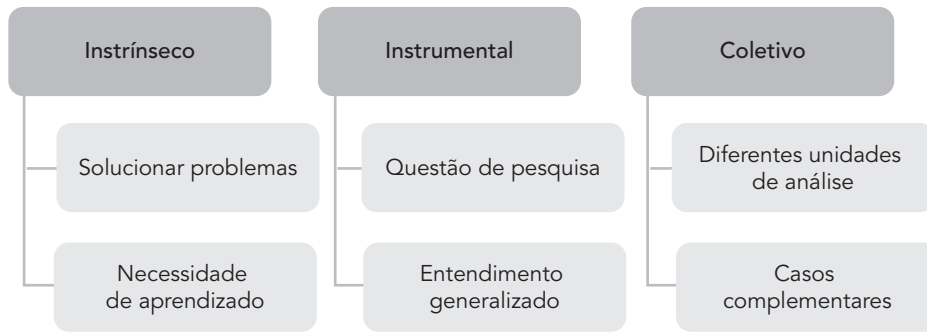
<sup>8</sup> STAKE, 1995.

<sup>9</sup> STAKE, 1995.

<sup>10</sup> STAKE, 1995.

**caso coletivo.** As principais características de cada uma dessas modalidades de caso são resumidas na Figura 6.1.

**FIGURA 6.1** Modalidades de caso segundo Stake



Fonte: STAKE, 1995.

Podemos observar que as diferenças entre as abordagens de Yin e Stake iniciam já na definição do que é um caso e estendem-se às classificações e definições dos tipos de caso, à **forma** como selecionar um caso e ao uso da teoria na construção do caso. De maneira geral, as diferenças entre os autores são fundamentalmente filosóficas e relacionam-se à visão de como o conhecimento é construído (epistemologia) e à noção de realidade (ontologia).



Ficou curioso? Para uma compreensão mais aprofundada sobre as diferenças entre os autores, sugere-se a leitura do artigo "Critiquing approaches to case study design for a constructivist inquiry" de Jane Appleton:

QRCode

## 6.1 PLANEJANDO UM ESTUDO DE CASO

Como toda boa pesquisa, o estudo de caso exige que o pesquisador se prepare e faça um planejamento adequado para que sua questão de pesquisa seja respondida de maneira satisfatória. Para a realização de um bom estudo de caso, Yin afirma que

o pesquisador precisa ter algumas habilidades específicas, mas afirma que a falta de alguma habilidade é remediável, pois pode ser desenvolvida com o tempo e com a experiência.<sup>11</sup>

- Para desenvolver um bom estudo de caso, o pesquisador precisa ser capaz de formular boas questões e interpretar as respostas, não apenas reproduzi-las;
- Ser um bom ouvinte e ser capaz de reconhecer e controlar suas próprias ideologias e vieses;
- Ser adaptável e flexível para saber lidar com situações não planejadas e vê-las como oportunidades e não como ameaças;
- Ter boa noção do assunto que está sendo estudado, pois isso reduz a proporções administráveis os eventos relevantes e as informações a serem buscadas;
- Ser imparcial sobre suas ideologias – pessoais ou teóricas –, ser sensível e responsável a qualquer evidência que possa contrapor suas proposições teóricas ou pessoais.

E aí, você se encontrou nessa descrição? Se sim, ótimo! No entanto, se isso ainda não aconteceu, mas você quer fazer um estudo de caso, não desista e se desafie a desenvolver essas habilidades!

Ainda no planejamento da pesquisa, Yin coloca alguns pontos importantes a serem observados, dos quais dois podem ser destacados:<sup>12</sup>

1. proteção dos sujeitos humanos;
2. protocolo da pesquisa.

Além dos dois passos destacados, outro ponto de extrema importância no planejamento de um estudo de caso é a escolha do caso e a negociação de acesso ao caso.



Quer ver um protocolo de pesquisa em Contabilidade?  
 Acesse a dissertação *Proposta de modelagem conceitual do Public Value Scorecard como instrumento integrado ao planejamento estratégico de um hospital universitário federal*, de Henrique Portulhak:



<sup>11</sup> YIN, 2014.

<sup>12</sup> YIN, 2014.

Recomendamos também a dissertação *Indicadores sociais no processo orçamentário do setor público municipal de saúde: um estudo de caso*, de Patricia Siqueira Varela:



Como toda pesquisa que envolve pessoas, é importante pensar nos riscos a todos os envolvidos – pesquisadores e participantes do estudo de caso –, pois a pesquisa pode causar algum constrangimento ou mal-estar. Assim, o pesquisador precisa ter cuidado e muita responsabilidade na condução do estudo de caso. Yin enfatiza quatro pontos a serem observados nesse aspecto:<sup>13</sup>

1. obter o **consentimento informado** de todos os participantes de maneira formal;
2. **proteger** os participantes de qualquer dano, evitando o uso de qualquer dissimulação no estudo;
3. proteger a **privacidade e confidencialidade** dos participantes, para não colocá-los em situações indesejáveis;
4. tomar **precauções especiais** quando o estudo de caso envolve **grupos essencialmente vulneráveis**, como pessoas menores de idade.

Recomenda-se, ainda, a submissão do projeto de pesquisa à Comissão de Ética da universidade com a qual o pesquisador tenha vínculo.

O protocolo do estudo de caso contém tanto o instrumento a ser utilizado na pesquisa como os métodos para analisar os dados e evidências construídas ao decorrer da pesquisa. Os principais objetivos do protocolo são orientar o pesquisador durante o trabalho de campo e ajudar a aumentar a confiabilidade do estudo. De acordo com Yin,<sup>14</sup> o protocolo de pesquisa deve ter quatro seções:

1. **visão geral do projeto:** apresentando o objetivo do estudo, principais leituras relativas ao estudo, hipóteses e proposições;
2. **procedimento do campo:** apresentação do caso e dos locais referentes ao caso, principais fontes de dados e evidências, linguagem a ser utilizada;
3. **questões do estudo de caso:** questões específicas que o pesquisador deve ter em mente durante a coleta de dados e potenciais fontes de dados para responder tais questões;

<sup>13</sup> YIN, 2014.

<sup>14</sup> YIN, 2014.

4. **guia para o relatório do estudo de caso:** esboço, formato para os dados, uso e apresentação de outras documentações e informações bibliográficas.

Por fim, no planejamento do estudo de caso, é preciso pensar na escolha do caso (ou dos casos, se a pesquisa for um estudo de casos múltiplos). Em algumas situações, a escolha do caso é muito simples, pois a unidade de análise é o local de trabalho do pesquisador. Entretanto, em outras situações, é preciso pensar e refletir sobre a escolha. Ao escolher a unidade de análise, é sempre importante pensar se a unidade escolhida tem potencial suficiente para responder a questão da pesquisa de maneira satisfatória e se o acesso ao caso será possível. Uma diferença importante entre a unidade de análise e o caso em si é que o caso não necessariamente será uma pessoa ou uma empresa; poderá ser, também, sobre tomada de decisões, processo de implantação de algum método de custeio na empresa etc.

Yin apresenta a possibilidade do estudo de caso piloto, que seria uma primeira tentativa de contato com o campo antes da execução da pesquisa propriamente dita.<sup>15</sup> Segundo Yin, o estudo de caso piloto pode auxiliar a refinar os planos de coleta de dados. Portanto, o caso piloto serve como um espaço formativo para o pesquisador e para a própria pesquisa. O autor chama a atenção para o fato de que o estudo de caso piloto deve ser realizado antes da submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética.

Já para Stake,<sup>16</sup> o planejamento de um bom estudo de caso pode ser avaliado por meio de quatro critérios:

1. comunicação;
2. conteúdo;
3. método;
4. possibilidade de realização do estudo.

Os dois primeiros critérios relacionam-se, principalmente, às propostas escritas submetidas às agências de financiamento, e avaliam a qualidade da escrita do projeto e do seu conteúdo. Já em relação ao método, são três pontos aos quais o pesquisador deve prestar atenção:

1. seleção do caso;
2. coleta de dados;
3. necessidade de validação/triangulação dos dados.

<sup>15</sup> YIN, 2014.

<sup>16</sup> STAKE, 1995.

Por fim, no último critério, o pesquisador deve observar três pontos:

1. acesso ao caso;
2. possível confidencialidade do caso e seus envolvidos;
3. custo para realização do caso.

Acerca do planejamento antes da entrada no campo, Stake<sup>17</sup> lista sete pontos para levar em consideração, que ajudam o processo como um todo:

1. definição do caso;
2. perguntas de pesquisa;
3. identificação da equipe de pesquisa;
4. fontes de dados;
5. alocação do tempo;
6. despesas envolvidas no processo;
7. desenvolvimento do relatório de pesquisa.

É possível observar que, independentemente do autor adotado, o planejamento é uma fase crítica ao desenvolvimento de um bom estudo de caso. Dessa maneira, é importante dedicar bastante tempo pensando sobre as possibilidades e caminhos a serem trilhados na pesquisa antes de entrar em campo para a construção de evidências e coleta de dados. Lembre-se de sempre considerar o plano A, o plano B e o plano C. Afinal, a vida se impõe na pesquisa.

## 6.2 CONSTRUINDO EVIDÊNCIAS E COLETANDO DADOS

O planejamento para a aplicação do método do estudo de caso requer agrupar o maior número possível de informações, principalmente relacionadas às questões e proposições orientadoras da pesquisa, por meio de diferentes fontes de levantamento de evidências, informações e dados.<sup>18</sup> Yin apresenta seis fontes principais.<sup>19</sup>

A primeira fonte de evidência destacada por Yin é a **documentação**, que consiste em informações documentais, as quais podem tomar diferentes formas, como cartas, memorandos, agendas, atas de reunião, propostas, relatórios, informações no sítio da internet etc. O principal uso dessa fonte de evidência é para corroborar

<sup>17</sup> STAKE, 1995.

<sup>18</sup> MARTINS, 2008.

<sup>19</sup> YIN, 2014.



outras fontes de evidência, podendo também servir para a verificação da correção ortográfica de nomes mencionados em conversas e entrevistas. As evidências encontradas em documentos podem ainda ser contraditórias a outras fontes e, nesse caso, deve-se investigar mais a fundo o problema.

A segunda fonte são os **registros em arquivos**, cada vez mais encontrados em formatos computadorizados. Eles podem ser de registro público, como os dados do censo. Dentre os possíveis formatos estão os registros de serviço que mostram os números de clientes atendidos, além de registros organizacionais como orçamentos, mapas e gráficos. A importância e o uso desses registros variam de acordo com o tipo de caso e com a questão de pesquisa, cabendo ao julgamento do pesquisador seu uso e importância.

A terceira fonte para construção de evidências é a **entrevista**, que consiste em uma conversa guiada pelo objetivo de pesquisa, mas não uma investigação engessada. Além da entrevista, a terceira fonte de evidências é a aplicação de questionários, técnica também conhecida como *survey*.

A quarta fonte de evidência listada por Yin é a **observação direta**, que cria a possibilidade de o pesquisador observar o fenômeno em seu ambiente natural. Para a construção de evidências por meio de observações, o pesquisador pode se dirigir ao campo com um roteiro de observações mais estruturado, usualmente chamado de rubrica, ou observar de maneira mais livre fazendo suas anotações no diário de campo. Diferentemente da observação direta, a **observação participante** permite que o pesquisador adote diversos papéis na situação da pesquisa, como um membro da equipe no ambiente organizacional.



Para saber mais detalhes sobre como construir uma rubrica para pesquisa observacional, consulte o artigo "Observação participante pesquisa em administração: uma postura antropológica," de Serva e Jaime Júnior:

QRCode

A última fonte de evidência indicada por Yin refere-se aos **artefatos físicos**, que podem ser dispositivos tecnológicos, uma ferramenta, um instrumento, uma obra de arte, entre outros. Tais artefatos têm sido cada vez mais coletados e observados para a pesquisa, pois auxiliam a construir o contexto da pesquisa de maneira mais rica e, em algumas situações, constituem o problema de pesquisa.

Podemos observar que cada fonte de evidência tem suas próprias características e utilidades, bem como pontos fracos e pontos fortes únicos. Yin apresenta tais pontos fracos e fortes de maneira condensada, os quais podem ser observados no Quadro 6.2.

**QUADRO 6.2** Seis fontes de evidências: pontos fortes e pontos fracos

Fonte de evidência	Pontos fortes	Pontos fracos
Documentação	Estável: pode ser revista diversas vezes	Recuperabilidade: pode ser difícil de encontrar
	Discreta: não foi criado especialmente para o estudo de caso	Seletividade parcial, se for incompleta
	Exata: contém nomes, referências e detalhes exatos de determinado evento	Parcialidade do relatório: reflete os vieses do autor
	Ampla cobertura: cobre longos períodos de tempo	Acesso: pode ser negado deliberadamente
Registros em arquivos	[Idem à documentação]	[Idem à documentação]
	Precisos e usualmente quantitativos	Acessibilidade restrita devido à privacidade
Entrevistas e questionários	Direcionadas: focam diretamente os tópicos do estudo de caso	Parcialidade em decorrência de questões mal articuladas
		Parcialidade da resposta
	Perceptíveis: fornecem inferências e explicações causais percebidas	Incorreções causadas pela falta de memória
		Reflexibilidade: o entrevistado dá ao entrevistador o que ele quer ouvir

*continua*

continuação

Fonte de evidência	Pontos fortes	Pontos fracos
Observação direta	Realidade: cobre eventos em tempo real	Consome muito tempo
		Seletividade: é muito difícil ter ampla cobertura sem uma grande equipe de observadores
	Contextual: cobre o contexto do caso	Reflexibilidade: evento pode prosseguir diferentemente porque está sendo observado
		Custo: horas necessárias pelos observadores humanos
Observação participante	[Idem aos anteriores para observações diretas]	[Idem aos anteriores para observações diretas]
	Discernível ao comportamento e aos motivos interpessoais	Parcialidade decorrente da manipulação dos eventos pelo observador participante
Artefatos físicos	Capacidade de percepção às características culturais	Seletividade
	Capacidade de percepção às operações técnicas	Disponibilidade

Fonte: YIN, 2014, p. 129.

Além de apresentar e discutir as seis fontes de evidências já mencionadas, Yin apresenta quatro princípios que, segundo ele, podem maximizar os benefícios das seis fontes. O primeiro princípio é o **uso de múltiplas fontes de evidência**, que permite ver o fenômeno de diferentes perspectivas, dando maior profundidade e riqueza ao estudo, além de proporcionar a possibilidade de **triangulação dos dados**.

Para garantir a confiabilidade e a validade dos achados da pesquisa com a aplicação do método do estudo de caso, indica-se a triangulação de informações, dados e evidências. O método tem como característica a combinação de coletas de dados primários e secundários, além de prever também a realização de observações no trabalho de campo.<sup>20</sup>

A triangulação dos dados permite que o pesquisador desenvolva linhas convergentes de investigação, aumentando o poder explicativo e de convencimento do argumento construído. Para realizar a triangulação dos dados é preciso que a análise

<sup>20</sup> EISENHARDT, K. M. Building theories from case of study research. *Academy of Management Review*, Stanford, v. 14, n. 4, p. 532-550, oct. 1989.

daquele fato seja baseada em múltiplas fontes de evidência ao mesmo tempo. Caso as evidências sejam analisadas de maneira separada e as conclusões dessas análises sejam comparadas, tal processo não configura a triangulação de fato.

O segundo princípio é a **construção de uma base de dados do estudo de caso**, que se refere à organização e documentação dos dados coletados e das evidências construídas em campo. A construção da base de dados utiliza, principalmente, quatro fontes/formatos:

1. as notas do pesquisador;
2. os documentos para o estudo de caso;
3. materiais tabulados;
4. as narrativas construídas pelo pesquisador que respondem às perguntas abertas contidas no protocolo de pesquisa.

O terceiro princípio proposto por Yin é **manter o encadeamento de evidências**. Segundo o autor, esse princípio visa permitir que o leitor siga a derivação das evidências até chegar à resposta da pergunta de pesquisa e construa suas próprias conclusões.

O último princípio é **cuidado exercido ao utilizar dados de fontes eletrônicas**, visto que hoje em dia quase todas as seis fontes de evidências podem ser utilizadas por meio da internet.

Acerca desse cuidado, Yin aponta três precauções:

1. estabelecer limites, ou seja, verificar quais são as prioridades e saber o que está buscando, visto que a internet é uma fonte de informações infundáveis;
2. checar se a fonte da informação é confiável;
3. cuidado ao utilizar dados de redes sociais, pois os dados nem sempre estão completos e, em alguns casos, necessitam de devida autorização para uso.

Ao contrário do proposto por Yin, Stake<sup>21</sup> afirma que não há momento exato para iniciar a coleta de dados e construção de evidências, pois tais processos começam antes mesmo da decisão de realizar o estudo de caso a partir da construção da história do pesquisador e da unidade de análise. Acerca das habilidades do pesquisador que desenvolverá o estudo de caso, na visão de Stake,<sup>22</sup> a principal quali-

<sup>21</sup> STAKE, 1995.

<sup>22</sup> STAKE, 1995.

ficação é a experiência, pois esta será seu guia no que observar e no que coletar de dados para responder à sua pergunta de pesquisa.

Especificamente sobre a entrada no caso, Stake<sup>23</sup> destaca que é de extrema importância ter sempre em mente a questão de pesquisa a ser respondida e que, se possível, o pesquisador faça um formulário que permita guardar suas anotações, mas que também traga as principais preocupações e pontos de atenção da coleta de dados. O primeiro passo para a entrada no campo de acordo com o autor é conseguir o acesso e a permissão para realização do estudo de caso. As permissões devem ser obtidas por escrito para fazer parte da documentação relativa à pesquisa.

Acerca das fontes de evidências, Stake<sup>24</sup> aponta quatro. A primeira fonte é a **observação**, que deve estar diretamente relacionada ao problema de pesquisa e deve ser registrada cuidadosamente para prover uma descrição incontestável do caso. É importante que o pesquisador mantenha o foco em alguns eventos ou categorias prévias, se mantenha sempre alerta ao contexto e como este pode influenciar o fenômeno estudado.

A segunda fonte de evidências é a **descrição de contextos**, para que o leitor do caso possa se sentir efetivamente envolvido com o caso. Para tal, Stake<sup>25</sup> sugere que o pesquisador observe e descreva os aspectos físicos do caso de maneira detalhada. Tal descrição pode ser realizada com o auxílio de um check-list. Em alguns casos, o contexto físico pode não ser tão importante como outros aspectos, como o estudo de um fenômeno relacionado às pessoas. Em uma situação na qual o fenômeno é relacionado às pessoas, os relacionamentos, familiares ou não, constituem um importante contexto relacionado ao caso.

A terceira fonte são as **entrevistas**, que funcionam como observação indireta, uma vez que as pessoas podem relatar suas observações ao longo do tempo na entrevista. É importante que, durante as entrevistas, o pesquisador consiga construir evidências baseadas em histórias e exemplos concretos, evitando perguntas que se resumam a responder sim/não. Para tal, deve ser preparado um guia de questões que auxilie o pesquisador nessa fase. Um ponto de extrema importância na realização das entrevistas é a capacidade que o pesquisador tem de entender o significado das histórias e falas dos entrevistados, ou seja, interpretar o fenômeno a partir da visão do entrevistado.

<sup>23</sup> STAKE, 1995.

<sup>24</sup> STAKE, 1995.

<sup>25</sup> STAKE, 1995.

A última fonte de evidências, segundo Stake,<sup>26</sup> é a **revisão documental**, que consiste na análise de documentos como relatórios, correspondências, atas de reuniões e demais informações.

Assim como Yin, Stake também sugere o processo de triangulação de evidências. Segundo Stake,<sup>27</sup> o processo de triangulação relaciona-se às questões de validação, ou seja, se a mensuração e interpretação dos fenômenos estudados foram realizadas corretamente. Para realizar a triangulação, na visão de Stake,<sup>28</sup> podem ser utilizados alguns protocolos/técnicas.

O primeiro protocolo é observar se o fenômeno se comporta da mesma maneira em diferentes situações, espaço e tempo, ou seja, ver se as interações entre os agentes mantêm-se constantes. O segundo protocolo consiste em pedir para outro pesquisador analisar as evidências e dados construídos e coletados por você, a fim de comparar as interpretações e conclusões. O terceiro protocolo é chamado de triangulação teórica, que consiste em discutir as evidências e dados com outros pesquisadores que adotam lentes teóricas diferentes da sua, para que assim sejam construídas explicações e interpretações alternativas às suas. O protocolo de triangulação mais utilizado, segundo Stake,<sup>29</sup> é a triangulação metodológica, que é o cruzamento das evidências construídas a partir de múltiplas fontes, por exemplo, entrevistar um participante sobre o fenômeno observado buscando corroborar as observações do pesquisador.

Como pode ser observado, a construção de evidências e coleta de dados para a realização de um estudo de caso pode ser feita de diversas maneiras. Embora os dois autores apresentem e discutam a importância de usar múltiplas fontes de evidências para a triangulação, um estudo de caso pode ser feito com uma única fonte de evidência, desde que esta responda a questão de pesquisa proposta. A escolha de qual ou quais fontes utilizar vai depender diretamente da questão de pesquisa e do acesso ao caso, além da escolha justificada do pesquisador. Por fim, destaca-se que é importante ter em mente que, para um bom estudo de caso, às vezes, serão necessárias diversas idas e vindas ao campo para a coleta de dados e evidências complementares.

<sup>26</sup> STAKE, 1995.

<sup>27</sup> STAKE, 1995.

<sup>28</sup> STAKE, 1995.

<sup>29</sup> STAKE, 1995.

### 6.3 ANALISANDO DADOS E INTERPRETANDO AS EVIDÊNCIAS

Após construir as evidências e coletar os dados para a realização do estudo de caso, é preciso analisar todo o material coletado e interpretar o fenômeno. Segundo Yin, ao contrário das outras etapas de realização do estudo de caso, a análise ainda é a parte mais carente de desenvolvimento e sistematização. Assim, o autor propõe quatro estratégias gerais para a análise dos dados e evidências.

A primeira estratégia é buscar suporte nas **proposições teóricas** que deram origem e forma ao projeto de pesquisa, auxiliando a dar mais atenção a alguns dados e menos atenção a outros. As proposições teóricas ajudam, ainda, a definir explicações alternativas a serem consideradas.

A segunda estratégia é o desenvolvimento da **descrição do caso**, que serve como uma alternativa quando existem dificuldades que impeçam o uso das proposições teóricas. A descrição do caso envolve a construção de uma estrutura lógica que pode ser pensada antes mesmo de ir a campo e, assim como as proposições teóricas, deve ter respaldo da revisão de literatura sobre aquele tema.

A terceira estratégia é o **uso de dados quantitativos e qualitativos**. De acordo com Yin, os dados quantitativos podem ser submetidos a análises estatísticas para complementar o entendimento dos dados e evidências qualitativas. Yin ainda destaca que, além das habilidades requeridas para a realização de um bom estudo de caso, o pesquisador deve ter domínio de técnicas estatísticas.

A quarta e última estratégia proposta por Yin é **pensar sobre explicações rivais**. Esta pode ser utilizada como estratégia complementar às três anteriores: no desenvolvimento das proposições teóricas, o pesquisador pode desenvolver e declarar proposições rivais; as perspectivas de diferentes agentes envolvidos no caso estudado podem gerar diferentes estruturas descritivas rivais; a análise de dados quantitativos pode cobrir a análise de condições rivais.

Stake<sup>30</sup> traz duas possibilidades de análise: a **interpretação direta e individual** do fenômeno e a **interpretação por agregação**. A interpretação direta e individual do fenômeno consiste em analisar o fenômeno buscando padrões e explicações. A interpretação por agregação também busca construir padrões, porém ocorre quando o pesquisador percebe que aquela informação que ele tem não faz sentido sozinha. Dessa forma, pode usar outras informações para complementar as que já tem e construir sua interpretação. Esse processo assemelha-se grandemente ao processo

<sup>30</sup> STAKE, 1995.

de bricolagem, no qual você vai construindo a sua interpretação ao “colar” diversas informações juntas.

#### 6.4 CRITÉRIOS DE QUALIDADE DE UM ESTUDO DE CASO

Inicialmente, é preciso entender o que constitui um bom estudo de caso e quais critérios são mais relevantes. Para trabalhar a qualidade de um estudo de caso, é preciso, primeiro, identificar a abordagem que está sendo adotada, visto que os quesitos de qualidade variam de acordo com o autor adotado. Para Yin, há quatro critérios a serem observados: validade do construto, validade interna, validade externa e confiabilidade. Os três primeiros quesitos se relacionam à validade do trabalho, enquanto o último se relaciona à confiabilidade.

A validade, em termos gerais, analisa se o instrumento proposto mede aquilo que se propõe a medir. Dessa forma, analisar a validade de um instrumento visa responder: “Será que se está medindo o que se crê que deve ser medido?”.<sup>31</sup>

Diante disso, a validade do construto serve para verificar se as definições operacionais estão medindo o que se propõe e pode ser definida pela pergunta: em que medida o construto de um conceito social de fato reflete seu verdadeiro significado teórico?<sup>32</sup>

Segundo Yin,<sup>33</sup> para garantir a validade do construto, o pesquisador deve observar dois passos:

- definir a mudança estudada em termos de conceitos específicos e relacioná-los ao objetivo do estudo;
- identificar medidas operacionais que correspondam aos conceitos, principalmente em estudos anteriores já publicados em fontes de boa reputação.

A validade interna, por sua vez, refere-se ao poder explanatório dos seus resultados. Dessa maneira, nos estudos de caso, essa validade é um fator-chave, principalmente nos estudos de caso explanatórios, em virtude da tentativa de estabelecer relação causal.

A última validade a ser observada é a validade externa e refere-se à possibilidade de generalização das explicações dadas ao fenômeno do estudo de caso. Yin<sup>34</sup> exem-

<sup>31</sup> MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas, 2007. p. 16.

<sup>32</sup> MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 17.

<sup>33</sup> YIN, 2014.

<sup>34</sup> YIN, 2014.



plifica tal problema com o caso de um bairro estudado e questiona: Os resultados encontrados no estudo de caso do bairro A são aplicáveis a qualquer outro bairro? Essa questão é uma das maiores críticas realizadas aos estudos qualitativos de maneira geral – incluindo os estudos de caso –, pois os estudos quantitativos chegam mais perto da generalização. Contudo, é preciso levar em conta que os estudos quantitativos chegam perto da generalização estatística, enquanto os estudos qualitativos contam com a generalização teórica (ou analítica).

Por fim, para avaliar a qualidade de um estudo de caso, é preciso observar sua confiabilidade. O objetivo principal da confiabilidade é minimizar os erros e parcialidades do estudo. Assim, se um pesquisador seguir os mesmos passos descritos por outro pesquisador em um primeiro caso e conduzir o mesmo estudo, deve chegar a resultados e conclusões semelhantes. Para alcançar a confiabilidade, é de extrema importância que toda a documentação dos procedimentos do estudo esteja disponível e em um nível de detalhamento alto.

Com o intuito de avaliar os procedimentos adotados na construção do estudo de caso, Einsenhardt propõe algumas perguntas que auxiliam o pesquisador na validação do método, a saber:<sup>35</sup>

- Os investigadores seguiram um procedimento analítico minucioso, conforme estabelecido na teoria?
- As evidências fornecidas pelos investigados apoiam a teoria?
- Os investigados possuem explicações para as evidências?

Einsenhardt<sup>36</sup> enfatiza que as evidências e resultados identificados no estudo devem estar alinhados ao objeto investigado e relatar informações que confirmem, ou não, a teoria estudada, propiciando ao leitor a própria avaliação do fenômeno investigado.

Yin<sup>37</sup> propõe algumas táticas para que o pesquisador possa atestar a qualidade de seu estudo de caso e relaciona tais táticas com as diferentes fases da pesquisa. As táticas propostas por Yin são apresentadas no Quadro 6.3.

<sup>35</sup> EINSENHARDT, 1989.

<sup>36</sup> EINSENHARDT, 1989.

<sup>37</sup> YIN, 2014.

**QUADRO 6.3** Táticas de estudo de caso para quatro testes de projetos

Testes de caso	Tática do estudo	Fase da pesquisa na qual a tática ocorre
Validade do constructo	Usa de múltiplas fontes de evidências	Coleta de dados
	Estabelece encadeamento de evidências	Coleta de dados
	Tem informantes-chave para a revisão do rascunho do relatório do estudo de caso	Redação
Validade interna	Realiza a combinação de padrão	Análise de dados
	Realiza a construção da explicação	Análise de dados
	Aborda as explicações rivais	Análise de dados
	Usa modelos lógicos	Análise de dados
Validade externa	Usa a teoria nos estudos de caso	Projeto de pesquisa
	Usa a lógica da replicação nos estudos de caso múltiplos	Projeto de pesquisa
Confiabilidade	Usa o protocolo do estudo de caso	Coleta de dados
	Desenvolve uma base de dados de estudos de caso	Coleta de dados

Fonte: YIN, 2014, p. 64.

Visto que o Quadro 6.3 se aplica exclusivamente aos estudos de caso que seguem a abordagem proposta por Yin,<sup>38</sup> pesquisadores de diversos lugares do mundo e de diferentes áreas desenvolveram outras formas de avaliar um estudo de caso. No cenário brasileiro, Marques, Camacho e Alcântara desenvolveram uma rubrica com 15 itens que auxiliam a análise da qualidade dos trabalhos e tomam como base critérios de qualidade propostos por diversos autores.<sup>39</sup> A rubrica construída pelos autores é apresentada no Quadro 6.4.

<sup>38</sup> YIN, 2014.

<sup>39</sup> MARQUES, K. C. M.; CAMACHO, R. R.; ALCANTARA, C. C. V. Avaliação do rigor metodológico de estudos de caso em contabilidade gerencial publicados em periódicos no Brasil. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 26, n. 67, p. 27-42, 2015.

**QUADRO 6.4** Quesitos de qualidade

Categoria	Quesitos	
Quanto ao objeto de estudo	1	O estudo busca entender um fenômeno em seu contexto real? (explicação da necessidade de se proceder ao estudo de caso para investigar o fenômeno proposto, não sendo possível por meio de outras estratégias)
	2	Foi explicado o porquê da escolha por essa estratégia? (testar teorias, construir teorias, descrever fenômeno, explorar fenômeno etc.)
	3	Existe ligação entre o fenômeno e o contexto em alguma etapa da pesquisa? (necessidade de entendimento do fenômeno naquele contexto)
	4	Qual o tipo de questão levantada na pesquisa? (como, por quê, o quê)
	5	Qual o tipo de estudo de caso? (exploratórios, descritivos, explanatórios etc.)
	6	O caso analisado é representativo para o objetivo do trabalho? (apresenta justificativas para a escolha do caso único ou dos casos múltiplos)
Quanto à coleta de dados e construção de evidências	7	Existem múltiplas fontes de evidência? (entrevistas, observação, exame de documentos, dentre outras, com objetivo de possibilitar a triangulação)
	8	Existe a triangulação entre as fontes de evidências? (características de confiabilidade)
	9	Foram evidenciadas, quando necessário, medidas operacionais para as variáveis analisadas? (validade de constructo)
	10	Existe explicação sobre a forma de coleta de dados, como as etapas seguidas, quando aconteceram, onde aconteceram, com quem e de que forma? (características de confiabilidade)
	11	Existe algum relato ou indício a respeito do protocolo de pesquisa? (possibilidade de replicação de coleta de dados)
Quanto à análise dos dados	12	Existe explicação sobre como as análises foram feitas? (validade interna) Os resultados refletem os dados? Ou os resultados das análises estão amparados por modelos lógicos de desenvolvimento dos argumentos?
	13	Houve uso de teoria (caso único) ou de replicação (casos múltiplos) para embasar as análises, quando de estudo dedutivo? (características de validade externa)

*continua*

continuação

Categoria	Quesitos	
Quanto aos resultados	14	Foram relatadas contribuições na geração do conhecimento em relação aos estudos anteriores?
	15	O estudo alerta para pontos que ainda precisam de continuação na investigação?

Fonte: MARQUES; CAMACHO; ALCÂNTARA, 2015.

Para Stake,<sup>40</sup> conforme discutido anteriormente, a qualidade da execução do estudo de caso relaciona-se diretamente ao método (seleção do caso, coleta de dados e necessidade de validação/triangulação dos dados) e à possibilidade de execução do caso (acesso ao caso, possível confidencialidade do caso e seus envolvidos, e custo para realização do caso).

Como observado no decorrer do capítulo, tanto Yin quanto Stake propõem alguns passos essenciais para a realização de um bom estudo de caso, ainda que apresentem critérios diferentes. Diante disso, é possível afirmar que um bom estudo de caso pode ser definido, de maneira geral, como aquele que observou os princípios éticos e foi realizado da melhor maneira possível, com seriedade e esforço.

## 6.5 RELATO DE PESQUISAS E DICAS

Vamos a um relato de pesquisa? Neste capítulo, retrataremos a experiência de uma pesquisadora que já acumula uma trajetória: a professora Márcia Maria Santos Bortolucci Espejo, da UFMS.<sup>41</sup> Márcia relata que suas primeiras experiências mais profundas e com maior conhecimento sobre a metodologia de estudo de caso ocorreram quando já estava atuando como orientadora de pós-graduação em um programa de mestrado em Ciências Contábeis. Seu primeiro trabalho de orientação foi a dissertação de *Proposta de modelagem conceitual do Public Value Scorecard como instrumento integrado ao planejamento estratégico de um hospital universitário federal*, desenvolvida pelo pesquisador Henrique Portulhak, hoje professor na UFPR.

<sup>40</sup> STAKE, 1995.

<sup>41</sup> O relato de pesquisa e as dicas aqui apresentadas foram obtidas em entrevista com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo durante sua participação na aula de métodos qualitativos na FEA-USP realizada no dia 26/06/2018 e gravada com a devida autorização da professora; em entrevista com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisabeth de Oliveira Vendramin durante entrevista concedida no dia 10/12/2018.

A escolha da unidade de análise, segundo ela, ocorreu principalmente por dois fatores: a **adesão da unidade ao projeto de pesquisa** e a **possibilidade de acesso** decorrente de o pesquisador trabalhar na unidade analisada na pesquisa. Segundo a professora, o fato de o pesquisador trabalhar na unidade analisada facilitava muito, pois possibilitava retornar a campo várias vezes: “O próprio envolvimento dele, as pessoas que ele conhecia para entrevistar, os documentos que a gente tinha disponíveis para analisar”. Essa fala mostra a importância do acesso e corrobora com Yin,<sup>42</sup> que afirma que às vezes a escolha do caso é muito simples.

A respeito da **escolha do caso** e **negociação de acesso**, a professora relata outra experiência. Na construção do artigo “Não deu certo por quê? Uma aplicação empírica da extensão do modelo de Burns e Scapens no âmbito da implementação de um departamento de controladoria”, em parceria com Neusa Sawczuk von Eggert, Márcia ficou sabendo de uma experiência interessante acerca da controladoria da empresa na qual um de seus alunos de especialização trabalhava e achou um caso interessante, tendo a possibilidade de acesso por meio de uma possível parceria com esse estudante. Inicialmente, o interesse no caso era discutir outro assunto relacionado à controladoria. Contudo, ao obter mais informações sobre o caso, viu que seria mais interessante analisar outros aspectos.

Em seu relato, Márcia nos conta que, após o artigo pronto e submetido à revista, ela e sua coautora voltaram a campo a pedido de um dos avaliadores para obter mais evidências e dados sobre o caso, mostrando a importância do acesso e das diversas idas e vindas ao campo. Ela destaca, ainda, que apesar de ter obtido sucesso nessas experiências com o Henrique e com a Neusa, a negociação de acesso ao caso pode ser complicada e constituir uma das principais dificuldades relacionadas ao método. Outra **dificuldade** relacionada ao método é a alta demanda de tempo para a realização de um bom estudo de caso e o preconceito que alguns pesquisadores ainda têm acerca do método.

Dentre as dicas, a professora destaca a importância de dar o máximo de detalhes possíveis sobre o caso. Quanto maior o nível de detalhamento, maior será a contribuição daquele trabalho, a confiabilidade dele e a possibilidade de aplicação daqueles resultados em outros contextos. Como cuidado final, ao escolher um estudo de caso, único ou múltiplo, é preciso atentar-se ao objetivo de pesquisa, que é o ponto que deve nortear a pesquisa como um todo.

---

<sup>42</sup> YIN, 2014.

Vamos a um segundo relato? A professora Elisabeth de Oliveira Vendramin, também da UFMS, teve sua primeira experiência com a utilização da metodologia de pesquisa do estudo de caso no momento em que estava desenvolvendo sua tese de doutorado.




---

Tenha em mente que, em sua tese, a professora Elisabeth fez um “estudo de caso” sobre a utilização de “casos de ensino”. Estudo de caso (método de pesquisa) e caso de ensino (método de ensino) são coisas diferentes!

---

A pesquisa em questão trata de um caso único no qual se observou a utilização de uma determinada metodologia ativa no ensino de conceitos contábeis. Segundo Elisabeth relatou, “é desafiador utilizar uma nova metodologia de pesquisa, a qual não se tem domínio. O pesquisador pode colocar o estudo em xeque caso não tenha bem claro seu papel e posicionamento durante a construção dos dados”.

Tal dificuldade se multiplica quando é utilizada a observação *in loco*. Na referida experiência, a observação se deu durante aulas de cursos de graduação. Tanto alunos quanto professores se mostraram curiosos com relação ao comportamento da pesquisadora. Tal situação foi vencida com o passar do tempo. Alunos e professores passaram a agir com naturalidade, à medida que se acostumavam com a presença da pesquisadora.

Para que o pesquisador consiga lograr êxito em seu estudo de caso, a professora Beth, para os íntimos, recomenda que ele faça uma leitura atenta sobre o estudo de caso enquanto método de pesquisa, converse com outros pesquisadores já experientes no uso do método e participe de disciplinas, *workshops* e demais eventos que busquem trazer um *link* entre a teoria e a prática do método. Além disso, é extremamente necessário que o pesquisador tenha conhecimento do fenômeno que está observando, o estado da arte das pesquisas sobre o assunto e as prováveis teorias que explicam tal fenômeno. Esse conhecimento prévio permite que o pesquisador não deixe passar despercebidas situações relevantes no contexto do caso e possa fazer adaptações no plano inicial dos procedimentos adotados quando em campo.



---

Quer saber mais sobre a pesquisa da professora Elisabeth Vendramin? Leia sua tese *Criando caso: análise do método do caso como estratégia pedagógica no ensino superior da Contabilidade*:

---

QRCode